

## 05 - ADAPTAÇÃO DO AUTISTA NA SALA DE MUSCULAÇÃO

DIVANALMI FERREIRA MAIA  
ÁLVARO LUIS PESSOA DE FARIAS  
MARCOS ANTONIO MEDEIROS DO NASCIMENTO  
NALFRÂNIO DE QUEIROZ SÁTIRO FILHO  
ODVAN PEREIRA GOIS

UNIVERSIDADE PAULISTA UNIP CAMPUS CAMPINA GRANDE – PARAÍBA – BRASIL

[divanalmi@gmail.com](mailto:divanalmi@gmail.com)

Doi: 10.16887/93.a1.05

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa refere-se à inclusão de pessoas com autismo em uma sala de musculação, de maneira a permitir um conhecimento mais específico em relação ao assunto, lembrando que o Transtorno do espectro autista (TEA) não é uma doença única, mas sim um distúrbio do neurodesenvolvimento. Esse distúrbio acaba conferindo algumas características peculiares, como seus déficits de atenção qualitativos na interação social, na comunicação e na manifestação corporal.

As pessoas com autismo necessitam de medidas educacionais e corporais que sejam favoráveis ao desenvolvimento de novas formas de metodologias de ensino, na qual lhe proporcione melhores oportunidades de se desenvolver em relação à área da musculação assim como socialmente.

Diante disso, o objetivo consiste na construção de métodos inclusivos para pessoas autistas em uma sala de musculação, que auxilie no processo de conhecimento corporal, e por consequência socialmente.

Para o desenvolvimento desse trabalho busca-se responder ao questionamento: diante de tantos desafios encontrados em uma sala de musculação, como incluir uma pessoa com autismo na musculação? Se sim, como?

Justifica-se a escolha desse tema, como uma curiosidade de se trabalhar com inclusão e desempenhar de forma significativa, um trabalho relacionado à musculação de forma inclusiva. Deste modo, focando no desenvolvimento das adaptações adequadas às pessoas com autismo.

Como metodologia, foi utilizado pesquisas bibliográficas, recorremos de autores e materiais disponíveis sobre autismo, inclusão e musculação.

No rumo da investigação a pesquisa se organiza em momentos que se transformaram em três capítulos. O primeiro momento recorre a história do autismo, suas características e desafios. O segundo a metodologia empregada no trabalho. O terceiro com os resultados do trabalho. O quarto com a discussão do trabalho. Por fim, a conclusão obtida pelo estudo.

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### AUTISMO: NOÇÃO BÁSICA

O Transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits no desenvolvimento que traz prejuízo no funcionamento comportamental, social, acadêmico, apresentando diversos graus de severidade (GADIA, 2006).

Primeiramente descrito em 1908 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler para descrever a fuga da realidade para um mundo interior observado em pacientes esquizofrênicos.

O autismo é uma perturbação global do desenvolvimento infantil que se prolonga por toda a vida e evolui com a idade. Os adolescentes juntam às características do autismo os problemas da adolescência, podendo contudo, melhorar a capacidade de relacionar-se

socialmente e o seu comportamento ou, pelo contrário, podem voltar a fazer birras, demonstrar auto agressividade ou agressividade com as outras pessoas.

É um distúrbio neurofisiológico e a sua causa é desconhecida, porém, alguns investigadores atribuem-no a alterações bioquímicas, mas outros o associam a distúrbios metabólicos hereditários, encefalites, meningites, rubéola contraída antes do nascimento, ou até as lesões cerebrais. Entretanto, existem bastantes incertezas e dúvidas na relação do autismo com estas doenças.

Análises genéticas demonstram que o autismo não é uma condição conectada a um único gene, mas uma desordem complexa resultante de alterações genéticas simultâneas em diversos genes, associado a uma influência mútua genética, epigenética e fatores ambientais (LAI et al., 2014). “Portanto, a grande variabilidade comportamental e cognitiva presente nas pessoas com autismo se deve, possivelmente, a diferentes causas, apontando para a importância do estudo de endofenótipos no autismo” (SCHMDT, 2017, p.227).

O autismo é chamado de síndrome devido ao seu conjunto de sintomas. Não é uma doença única, é um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade como explica Rutter e Schopler (1992). A apresentação do autismo pode ser influenciada por fatores associados que não seja parte das características principais que definem o distúrbio.

O autismo é definido pelos seus déficits de atenção qualitativos na interação social, na comunicação e na manifestação corporal. Suas habilidades cognitivas é muito relevante. De modo que, o autismo é uma síndrome que pertence aos Transtornos Invasivos dos Desenvolvimentos (PID) e se manifesta em três áreas: interação social, comunicação e comportamento.

A síndrome compromete o desenvolvimento psiconeurológico provocando uma desordem cerebral que afeta a capacidade de se comunicar, compreender e falar, comprometendo, principalmente, o convívio social.

Desse modo ocasionando hábitos como o isolamento ou comportamento social improprio, pouco contato visual, dificuldade em participar de atividades em grupo, indiferença afetiva ou demonstrações inapropriadas de afeto e falta de empatia social e emocional.

## **INCLUSÃO: AUTISMO**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou Autismo, como é conhecido; para poder desenvolver ações conscientes capazes de favorecer a inclusão social do indivíduo autista garantindo o desenvolvimento da saúde do mesmo, respeitando seus limites e demonstrando a sociedade que é possível incluir, estimular e acreditar no desenvolvimento do seu potencial e sua inclusão social como cidadão.

De acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988 Art 5º- Todos são iguais perante a Lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida , à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Essas relações sociais são desenvolvidas ao longo da vida de maneiras diferentes para cada Autista, vai depender de diversos graus desta síndrome.

É importante ressaltar, que a família de um autista tenha o papel fundamental no processo de desenvolvimento e inclusão do mesmo na sociedade, podendo influenciar seu modo de viver e conseqüentemente refletir na vida adulta.

Conforme apresenta carvalho ( 2000, p.73): A forma de organização da família é um elemento relevante no modo como ela conduz o processo de socialização dos imaturos, transmitindo-lhes valores, normas e modelos de conduta e orientando no sentido de tornarem-se sujeitos de direitos e deveres no universo doméstico e no domínio público.

Quanto a inclusão social, podemos dizer que é um processo em que a sociedade se prepara para incluir, requerendo que tanto a pessoa com deficiência ou uma síndrome quanto a sociedade participe desse processo. Isto de fato representa a inclusão, apontando então para

uma maior aproximação para a garantia dos direitos da criança, adolescente e adulto com autismo.

A construção dessa nova sociedade, mencionado acima, proporciona condições para que a pessoa com síndrome desenvolva sua potencialidade além de meios de desenvolvimento na sociedade.

### **ADAPTAÇÃO E MUSCULAÇÃO PARA GRUPOS ESPECIAIS**

A inclusão é um progresso social que o sistema educacional vem se condicionando para mediar, sem distinção, a todas as pessoas com deficiência o direito a educação. Para tanto, pensar nessa proposta de Educação Física Adaptada para crianças autistas é atender a necessidade atual de toda a sociedade, que certamente deverá criar condições para incluir, interagir e respeitar a pessoa com necessidades especiais, especificamente com autismo. Neste sentido, investigar o papel da Educação Física Adaptada e seu(s) benefício(s) para o autista, permite compreendermos a(s) necessidade(s) do próximo, oportunizando a sua participação acadêmica, a construção da sua personalidade e habilidades, de forma que o possibilite também a buscar a igualdade de oportunidades ou mesmo minimizar as diferenças.

No Brasil, a educação especial passa a ser obrigação do Estado e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde as crianças devem ser incluídas nas escolas regulares, exceto em alguns casos aos quais teriam que frequentar escolas especiais.

O termo inclusão teve sua origem na palavra inglesa full inclusion (inclusão total), que segundo Susan Stainback e William Stainback (1999), trata-se de um novo paradigma que prescreve a educação para todos os alunos em classes e escolas regulares e que todas as crianças devem estar incluídas na vida social e educacional da escola.

A Educação Física é uma ferramenta fundamental para promover a inclusão total dos educandos com necessidades especiais, pois possibilita a formação integral do homem, promovendo o desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo, viabilizando a interação com o meio, fomentada por um ambiente dinâmico e prazeroso. É nessa perspectiva que a Educação Física Adaptada (EFA) deverá atender as diferentes necessidades especiais.

Educação Física Especial e Adaptada apontam basicamente que as diferenças recaem sobre a composição dos grupos (só pessoas em condição de deficiência ou grupos mistos) como também o planejamento de atividades (elaboradas em função da possibilidade de participação do aluno em grupos específicos ou não). Nota-se, portanto, nessa definição uma nova categoria: Pessoas com Necessidades Especiais. (SILVA, JÚNIOR e ARAÚJO, 2008, p. 84).

A inclusão se mostra uma oportunidade de celebração das diferenças e com a sua implantação, a pessoa em condição de deficiência, teoricamente passa a estar em igualdade de condições com todas as outras. (SILVA, JÚNIOR e ARAÚJO, 2008).

Historicamente, destacamos a relevância das seguintes normas citadas por Silva, Júnior e Araújo (2008): Decreto-Lei no 1.044/69; Emenda no 12/78 feita à Constituição Brasileira de 1969; Decreto no 84.919/80; Constituição da República de 1988; Lei no 8.069/90, “Estatuto da Criança e do Adolescente”; Lei no 9.615/98, conhecida como Lei Pelé; Lei no 10.098/00; Lei no 10.264/01, chamada de Lei Agnelo Piva; Lei no 10.891/04, que “institui a Bolsa-Atleta”.

Silva, Júnior e Araújo (2008), ressaltam que a Educação Física precisou moldar-se às exigências surgidas para o atendimento de PCD's, sendo que até o ano de 1986, a formação dos professores de Educação Física (licenciatura plena) e do então técnico desportivo seriam muito engessadas. Diante da necessidade de flexibilização, a partir da Resolução No 03/87 do Conselho Federal de Educação, houve a criação do Bacharelado em Educação Física e a inserção da disciplina Educação Física Adaptada ou Especial nos cursos de educação física, possibilitando a qualificação específica na graduação.

Ao discorrer sobre os objetivos da Educação Física Adaptada, Ferreira (2010) aduz que, o que se busca é a integração do portador de necessidades especiais na sociedade e para que essa integração ocorra é imprescindível o alcance de certas metas:

[...] ROSADAS (1991) – cita entre tais metas da Educação Física Adaptada o estímulo ao desenvolvimento. Os fatores do estímulo hormonal, desencadeados pela Síndrome de Adaptação Geral, provocam constantes alterações na estrutura e nas funções do organismo quando este é submetido à exercício físico. Ao se mobilizar e equilibrar o funcionamento do eixo hipotálamo-hipófise-tireóide-supra-renal-gônadas, tem-se interferência bem comprovada sobre o crescimento e desenvolvimento. (FERREIRA, 2010, p. 25)

Na busca dos objetivos da EFA, o professor que irá educar a PNEE precisa ter conhecimento adequado sobre todas as variantes que envolvem a deficiência com que está lidando, estando sempre em busca da atualização dos seus conhecimentos e visando o bem-estar do alunado, assegurando o seu desenvolvimento, possibilitando uma interação harmoniosa e confortável (FERREIRA, 2010).

### **ATIVIDADES COORDENAÇÃO MOTORA INTERVENÇÃO**

Todo mundo precisa se movimentar e buscar uma atividade física que proporcione prazer, motivação e controle de peso, além de prevenção de doenças. Você sabia que o exercício físico promove a liberação de um hormônio conhecido como endorfina, que auxilia nas funções do sistema nervoso como a autorregulação e melhora do sono? Esses podem ser alguns dos problemas encontrados em pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Diversas pesquisas mostram que o exercício físico regular melhora as habilidades motoras e as habilidades sociais de crianças e adultos com autismo. E também contribui para diminuições de estereotipia, comportamentos agressivos e hiperatividade.

Além disso, quando as crianças com autismo se envolvem com atividades esportivas, elas constroem relações sociais com os colegas de equipe, pois trabalham com outras pessoas para atingir objetivos e constroem uma relação de confiança. A participação no esporte também permite que sintam que possuem um papel na sociedade e fazem parte de um time.

Entre as práticas terapêuticas, a atividade física aeróbica se mostra muito benéfica para estimular a interação e o desenvolvimento físico, pois trabalham vários músculos. A criança que pratica atividade física passa a ter um conhecimento maior do seu corpo, sua força, a ter noção de lateralidade e apresenta melhora psicomotora.

Nos primeiros anos, é fundamental que as atividades físicas estimulem a coordenação motora, prendam a atenção da criança e aumente a interação. Já os mais velhos, podem praticar atividades que aumentem o condicionamento físico como natação, corrida, ciclismo, por exemplo.

A natação é indicada porque a água fornece um estímulo sensorial, e as pessoas podem fazer a atividade individualmente ou fazer parte de uma equipe. Além disso, a criança que aprende a nadar consegue diminuir o risco de se afogar. Para crianças com TEA, a água no corpo tem um efeito calmante e ajuda controlar o estresse. Segundo a Autism Spectrum Disorder Foundation, a natação pode ajudá-las a melhorar a fala, a coordenação, as habilidades sociais, a autoestima e no processamento cognitivo.

É importante ressaltar que as crianças com TEA podem brincar, correr, nadar e jogar bola. A diferença é que precisam ser ensinados de uma forma diferente, e em alguns casos, necessitam de algumas adaptações. O exercício físico é importante para o bem-estar de todas as pessoas, não importa a idade ou habilidade.

### **O QUE MUSCULAÇÃO TRÁS DE BENEFÍCIOS PARA OS AUTISTAS**

Em se tratar de autismo a principal vantagem das atividades físicas refere-se à redução de estereótipos. O exercício funcional como uma operação abolidora para os estereótipos, isso é, uma situação antecedente que diminui o efeito reforçando de um estímulo e com isso diminui a probabilidade da resposta.

As intervenções muito estruturadas, mais repetitivas e com controle de variáveis, de modo que a realização das atividades sempre seja realizada no mesmo local e da mesma forma, facilitaria o desenvolvimento de um hábito, tornando assim a forma mais idealizada a se trabalhar com a musculação. Desta forma é importante ressaltar que ao trabalharmos com a musculação com pessoas autistas obteremos um resultado significativa através da repetição dos exercícios mesmo as vezes o mesmo venha a se tornar um pouco monótona.

Diversas pesquisas comprovar que o exercício físico regular melhora as habilidades motoras e as habilidades sociais de pessoas com autismo. E também contribuí para diminuições de estereotipo, comportamentos agressivos e hiperatividade. Além disso, quando crianças com autismo se envolvem com atividades esportivas, elas constroem relações sociais com colegas de equipe, pois trabalham com outras pessoas construindo relações de confiança e atingirem objetivos.

Realizar movimentos frequentes também ajuda no conhecimento de postura corporal, aumenta a noção entre tempo e espaço e do ambiente em que vive. O exercício também melhora a flexibilidade, diminui problemas de equilíbrio e coordenação. Entre as práticas terapêuticas, a atividade física aeróbica se mostra muito benéfica por estimulem a interação e o desenvolvimento.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho tem como objetivo proposto fundamentá-lo em pressupostos científicos estudados durante o processo da construção do mesmo. Pressupostos estes que permite a construção de conceitos, definições a serem desenvolvidos, deste modo contaremos com a pesquisa tem caráter descritiva/ exploratória, em forma de revisão bibliográfica.

Como metodologia, utilizar-se-á a pesquisa bibliográfica, recorrendo-se a autores e material disponíveis pela internet, desde forma ressaltamos como objetivo geral a pesquisa exploratória. Segundo Gil (2002, p.41) pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, inclui levantamento bibliográfico e entrevistas

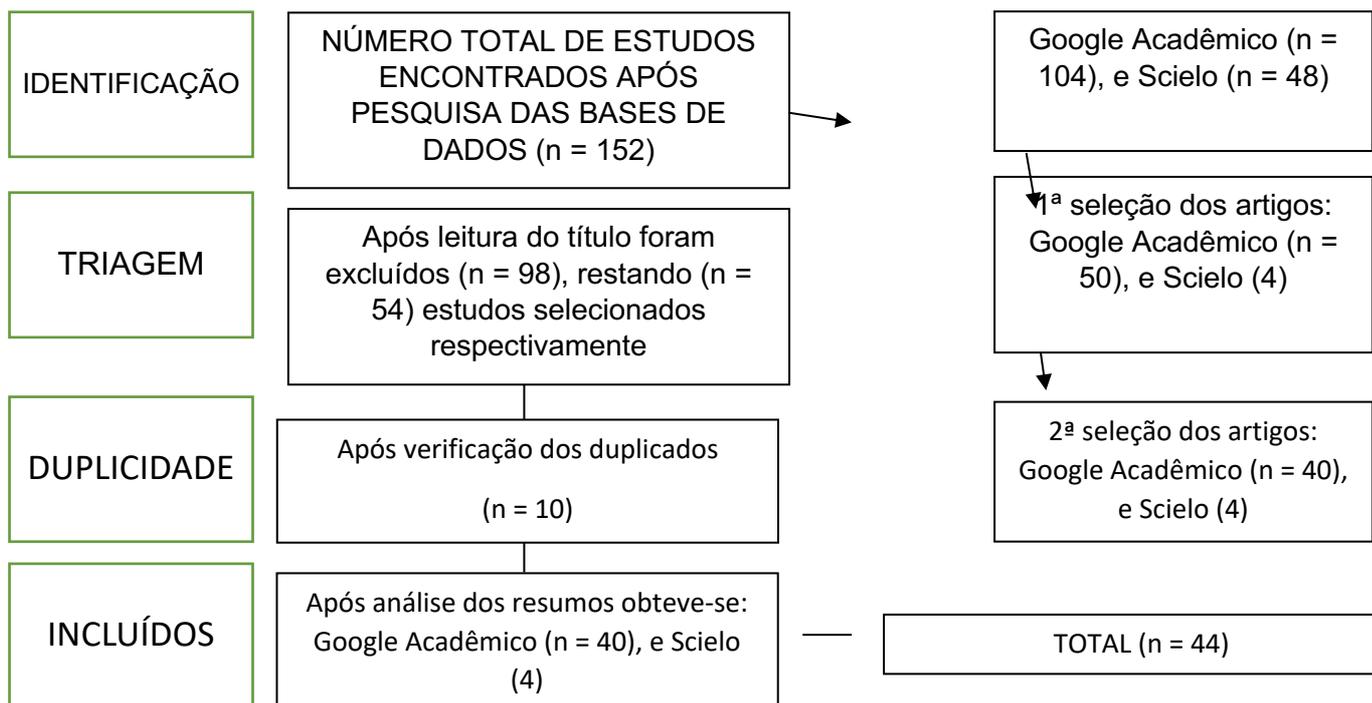
Como método empregado na coleta dos dados desta pesquisa, utilizou-se da pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornal, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo (LAKATOS; MARCONI, 1986).

Assim, o trabalho fundamentado através de publicações sobre o tema a inclusão de pessoas autistas em sala de musculações, selecionados de acordo com sua relevância e importância em Monográfica, artigos, revista e etc..

**RESULTADO**

**Figura 1 – Fluxograma dos artigos incluídos no estudo**



**Quadro 1 – Estudos relacionados com os benefícios do exercício físico para o autismo**

Autor(es)	Objetivo	Métodos	Desfecho
SILVA, JÚNIOR, Seabra e ARAÚJO.	Analisar o conteúdo básico referente ao desenvolvimento do atendimento à pessoa diversamente hábil, através do viés escola, tendo como objeto de reflexões a Educação Física Adaptada	Estudo descritivo de e texto informativo, o conteúdo deste livro pode servir de catalisador de reflexões e de novas formas de atuação dos profissionais em suas intervenções junto às pessoas diversamente hábeis.	O propósito dos autores foi assegurar que os elementos básicos envolvendo o atendimento à pessoa diversamente hábil, desde os primórdios da ação humana até os dias atuais fossem preservados a fim de que ao refletir sobre o momento presente se possa (re)construir o caminho já percorrido e, então, de fato, compreender para agir em busca de formas mais humanas no relacionamento com aqueles que se teima em chamar de diferentes.
TOMÉ,	Analisar através	Revisão sistemática no qual	verificou a necessidade do

2007 apud BOARETO, 2015	das bases de dados se a Educação Física é um recurso para a melhora da socialização da criança com TEA.	foram realizados por meios de busca em revistas científicas, teses, bibliografias atuais, assim como em Plataformas de pesquisa como: LILACS, SCIELO e BIREME utilizando os descritores: Transtorno do Espectro do autismo, Educação Física, ensino regular e Inclusão	professor dt! Educação Física, ter conhecimento sobre o nível do transtorno do aluno fazendo com que o seu desenvolvimento ocorra gradativamente e estimulá-lo de acordo com que as áreas cognitivas, sociais, motoras e afetivas estejam ligadas entre si.
MARQUEZ E e RAVAZZI, 2011.	A principal proposta da Educação Física adaptada é a de incluir alunos com necessidades especiais realizadas na escola, no ensino regular, as vezes esses alunos são dispensados das aulas ou ficam observando os outros colegas.	Para a concretização desse estudo, foram realizados levantamentos e análises bibliográficas sobre a história da Educação Especial, suas políticas e a educação inclusiva, como também os Transtornos Globais do Desenvolvimento.	Inclusão dos autistas nas aulas de Educação Física nos diferentes níveis de ensino.

## DISCUSÃO

O processo de investigação acerca do tema da inclusão na área da educação física demonstrou que o conhecimento ainda carece precisar de compreensões claras e precisas da parte dos professores (FALKENBACH et al., 2007). O educador físico tem que ter a capacidade e conhecimento adequados para desenvolver um trabalho com empátia e discernimento para proporcionar a adaptação de meio e formas adequadas para esse desenvolvimento.

Segundo TOMÉ (2007), a Educação Física pode ser um meio de intervenção, ajudando a diminuir os comportamentos indesejados ( TOMÉ, 2007 apud BOARETO,2015).

De acordo com Vatavuk (1996), as atividades que tenham regras e muitas complexidades, como jogo desportivo, não devem ser trabalhadas com crianças autistas, pois causará frustração, já as atividades cíclicas como: ginásticas, natação, cooper, relaxamento, atividades em circuito, musculação e atividades aeróbicas, serão mais coerentes com a realidade da criança ( VATAVUK, 1996 apud, BOARETO,2015) .

Portanto, segundo TOMÉ (2007) O profissional de Educação Física não pode dar ênfase ao aprendizado dos movimentos e sim na sua utilização como meio para alcançar os objetivos propostos e, lembrar que para uma intervenção de qualidade é necessário uma avaliação motora contando com triagem, diagnóstico e prescrição (TOMÉ, 2007; GORLA, 2001).

A atuação do profissional de Educação Física é de suma importância que obtenha a evolução psicomotora na suas relação com o meio o qual está inserido, portanto, o conhecimento sobre o autismo, adaptação e dificuldades da pessoa na qual é inserida no mundo da musculação, é algo essencial.

Diante disso, é possível observar a importância de inserir pessoas com Autismo em uma sala de musculação, destacando assim, os benefícios, os desafios, os conhecimentos, a importancia de um profissional qualificado e adaptação de exercício adequados para que o trabalho seja possível de forma significativa.

Deste modo, ter a visão de mais profissionais qualificados e dispostos a desenvolverem esse trabalho, unidos e possibilitando a inclusão ao meio da musculação.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto evidenciamos que conseguimos com o nosso trabalho de pesquisa atingir nosso objetivo, ou seja, demonstrar a importância de educadores físicos qualificados para desenvolver um trabalho com dedicação, qualidade de vida e conhecimento necessários para uma adaptação adequada a pessoa com Autismo em uma sala de musculação.

Durante as pesquisas, foram notáveis as dificuldades e desafios encontrados no processo de adaptação de pessoas com Autismo ao universo da atividade física. Para isso, o professor precisa conhecer e compreender o espectro, as características gerais e também as específicas da pessoa com TEA no ambiente da sala de musculação.

À frente de tudo, com o desenvolvimento da pesquisa, conseguimos um resultado positivo e gratificante, isto é, foi possível nos proporcionar conhecimentos e desenvolver adaptações adequadas para melhor forma de inserir uma pessoa com autismo em uma sala de musculação.

Prover esse professor é promover qualidade de vida e a conscientização dos profissionais de educação física que é possível encontrar formas eficazes que ajudem na adaptação da pessoa com autismo na sala de musculação.

## RESUMO

O autismo é chamado de síndrome devido ao seu conjunto de sintomas, no qual, não é uma doença única, sendo um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade. O presente estudo traz em questão os desafios que é encontrado na adaptação de uma pessoa com autismo em uma sala de musculação. Cujo o objetivo é apresentar as possibilidades de desenvolvimento de pessoas com autismos através da musculação, usando de literatura e artigos com abordagem teórica, pelo quais ajudou a compreender como é dada a inclusão e o desenvolvimento de uma pessoa autista em meio ao mundo da musculação. Portanto, chegou à conclusão que é possível por meio da adaptação, conhecimento e dedicação um resultado significativo, em que, a pessoa com autismo se desenvolva socialmente, fisicamente e mentalmente através da musculação.

**Palavra-Chave:** Autismo. Inclusão. Adaptação. Musculação.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Tradução de M. Inês C. Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDRÉ . Adaptações Fisiológicas ao Trabalho de Musculação. In: Revista Virtual EF Artigos. Vol:03 Nº 09 Natal –RN, 2005.
- ATTHEWS, Michael. Malhar, secar, definir: a ciência da musculação, Ed Lafonte, 2013.
- VILARTA, Roberto et al. *Alimentação saudável, atividade física e qualidade de vida*, Campinas, IPES editorial, 2007, p.78 – 79.
- BOARETO, Rafael. Educação Física e Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): socialização da criança com TEA, inserida no ensino regular. Verginha, 2015.
- CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silvestre de. Introdução à educação física adaptada para pessoas com deficiência. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009.
- CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.
- Cunha, Eugênio, Autismo e inclusão: psicopedagogia prática educativas na escola e na família, 7 ed. – Rio de Janeiro: wak, ed., 2017.
- Curso de Dierito de Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2012. 6ªed
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, Cortez, 200, 3ª ed.
- CASTRO, Eliane Mauerberg de. Atividade física: adaptada. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

- FARINHA, Ana Paula Vidotto, Inclusão de autistas nas aulas de educação física: Possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas potencialidades. Monografica de especialização. Medianeira, 2014.
- FERRÃO, Romário Gava. Metodologia científica para iniciantes em pesquisa. 3. ed. Vitória: Incaper. 2008.
- FERREIRA, Vanja. Educação física adaptada: atividades especiais. RJ: Sprint, 2010.
- GADIA, Carlos. Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes. Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2. ed. Barueri: Manole, 2008.
- GREGUOL, Márcia. Natação adaptada: em busca do movimento com autonomia. Barueri: Manole, 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MELLO, Ana Maria S. Ros de, Autismo: guia prático. 7. ed. SP: AMA; Brasília: Corde, 2007.
- OLIVEIRA, Francisco Eduardo Teixeira Rodrigues. O papel da educação física na aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais. Vila Real: 2012, 39 p. Tese de Mestrado (Pós-graduação Strictu Sensu) - Universidade de Vila Real, Vila Real, 2012.
- PEDRINELLI, Verena Junghähnel. Educação Física adaptada: conceituação e terminologia. In: SESI-DN. Educação Física e desporto para pessoas portadoras de deficiência. Brasília: SESI-DN, 1994, p. 7-10.
- PALMA ET AL. Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio. 2.ed. Londrina: Eduel, 2010.
- PEREIRA, JULIMAR LUIZ, SOUZA, ELIZABETH FERREIRA DE; MAZZUCO, MARIO MIRANDA, L. História e Filosofia da musculação. RevDigital, ano 19, n195, agos. 2014.
- SILVA, Rita de Fátima da; JÚNIOR, Luiz Seabra; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Educação física adaptada no Brasil: da história à inclusão educacional. São Paulo: Phorte, 2008.
- SOLER, Reinaldo. Brincando e aprendendo na educação física especial: planos de aula. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SASSAKI. Romeu Kazumi. Inclusão: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro WVA 1997
- TOMÉ, Maycon Cleber. Educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. Movimento & Percepção, Espírito Santo dos Pinhais, v. 8, n. 11, jul/dez 2007.
- WINNICK, Joshep P. Educação física e esportes adaptados. Tradução: Fernando Augusto Lopes. 3 ed. Barueri: Manole, 2004.